

Representações visuais e simbólicas de Iemanjá

Identificação:

Grande área do CNPq.: Linguística, Letras e Artes

Área do CNPq: Artes

Título do Projeto: Estética, Artes e Identidades

Professor Orientador: Profª. Drª Aissa Afonso Guimarães

Discente/PIBIC/PIVIC: Sonia Regina Soares Santos Maia

Resumo: Os orixás e muitos aspectos das suas representações ainda são desconhecidos por grande parte da população. Pretendemos neste trabalho conhecer o imaginário e as imagens do orixá Iemanjá, através da pesquisa bibliográfica, da pesquisa de campo e das informações coletadas em uma amostra de pessoas adeptas ao candomblé, obtidas através de entrevista. Buscamos estudar o imaginário popular acerca do orixá Iemanjá, enfatizando as suas origens, influências, suas representações visuais e simbólicas tanto nos rituais sagrados, dentro dos cultos religiosos do candomblé, quanto nas ligações com as representações do imaginário popular. Enfatizamos o estudo de Iemanjá presente nas tradições religiosas e artísticas da cidade de Vitória/ES, bem como, suas origens, influências culturais e práticas populares na contemporaneidade, como a festa de Iemanjá em Vitória.

Palavras chave: Iemanjá. Indumentária. Candomblé. Cultura afro-brasileira.

1 – Introdução

A pesquisa nos dá ferramentas para desenvolver trabalhos que podem facilitar a compreensão e o conhecimento de determinadas situações ou assuntos do imaginário e as imagens do orixá¹ Iemanjá. Este trabalho demonstra como a coleta de informações sobre uma determinada população pode tornar amplo o conhecimento a respeito dos valores e das crenças de um determinado povo ou local, neste caso, a população adepta ao candomblé, residente na cidade de Vitória/ES.

De acordo com Santos (2002), o candomblé é uma religião que agrupa no mesmo espaço sagrado indivíduos de várias procedências, formando a família de santo,

¹ A palavra Orixá significa Ori-cabeça, Xá-Rei, Senhor, Senhor da Cabeça.
<http://www.cabocloarruda.hpg.com.br/teca/dicionario.htm> - DICIONÁRIO YORUBÁ – PORTUGUÊS acesso 16 jul. 2008.

chefiada por um sacerdote ou sacerdotisa, o Babalorixá ou Ialorixá, que significa respectivamente pai e mãe-de-santo, o que tem orixá. É uma religião que vem dos negros africanos e rompe fronteiras de classe social. O candomblé é um vocábulo de origem *bantu*, que significa “reunião”, a religião possui grande riqueza litúrgica, a expressão se dá através dos rituais de adivinhação, que obedece a uma hierarquia sacerdotal rígida, atende a uma clientela que busca soluções para problemas materiais e espirituais.

Para Santos (2002) os rituais privados e públicos existentes no candomblé comportam cuidados profiláticos com o corpo, que é suporte material para as divindades², do conhecimento das propriedades terapêuticas e religiosas do reino vegetal, da música, da dança, da indumentária, da culinária sagrada, da arquitetura dos templos, conhecidos também como terreiros e dos objetos da arte sacra. Alguns desses objetos de arte sacra são de acesso somente para os iniciados e outros são apresentados nas cerimônias públicas, usados na paramentação dos barracões³ e das divindades. A estes objetos são transferidos poderes específicos.

Sobre os objetos usados na paramentação das divindades, a antropóloga Juana Elbein dos Santos descreve: “Eles não são apenas representação material, mas emblemas essenciais em que o sagrado está representando e ao mesmo tempo simbolizando o espírito místico”. (SANTOS, 2002, p. 17).

Os orixás possuem aspectos das suas representações que ainda são desconhecidos por grande parte da população. Pretende-se neste trabalho desvendar o imaginário popular e imagens do orixá Iemanjá.

Através das informações coletadas em uma amostra de pessoas adeptas ao candomblé, obtidas através de entrevista, investigamos o imaginário popular acerca do

² Qualidade do que é divino. KURI, G. A. *Minidicionário Gama Kury da língua portuguesa*. São Paulo: FTD, 2002, p 359.

³ Terreiro de candomblé - “É o espaço religioso onde são revividas as coisas sagradas e estabelecidos os contatos diretos com as divindades”. BENISTE, J. *AS ÁGUAS DE OXALÁ*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, p. 45.

orixá Iemanjá, enfatizando as suas origens, influências, suas representações visuais e simbólicas tanto nos rituais sagrados, quanto nas ligações com as representações do imaginário popular dentro dos cultos religiosos do candomblé. A Iemanjá presente nas tradições religiosas e festas para esse orixá na cidade de Vitória/ES, bem como, suas origens, influências culturais e manifestações em práticas culturais populares recebeu maior atenção neste estudo.

Para Maciel (1992), Iemanjá é uma entidade bem popular, é uma figura simpática e com representações muito diversas. Pode ser o próprio mar, uma onda, a areia da praia, peixes ou outro ser marinho, conchas, pedras, ou uma sereia. Ela tem popularidade e prestígio até entre pessoas alheias às comunidades de terreiros, ganhando templos e monumentos especialmente feitos em sua homenagem. É um orixá com representações muito diversas, conhecida também como Rainha do mar, Nossa Senhora Mãe de Jesus, Nossa Senhora da Conceição, Virgem Maria, Nossa senhora dos Navegantes, entre outros. Representa o próprio mar, as ondas e o conjunto mar, céu, estrelas e lua.

2 – Objetivos

O objetivo principal foi identificar e analisar representações visuais e simbólicas de Iemanjá nas tradições religiosas e estéticas, assim como suas origens e influências culturais e o modo como elas se manifestam.

Os objetivos específicos foram compreender as origens e funções religiosas dos objetos ritualísticos ligados à Iemanjá nos cultos de candomblé na região da grande Vitória; e pesquisar as representações e as imagens de Iemanjá no imaginário popular.

3 – Metodologia

A pesquisa teve início com o levantamento e leitura do material bibliográfico adequado disponível no Arquivo público de Vitória, bibliotecas públicas e particulares da região da Grande Vitória, imagens em arquivo eletrônico e internet. Foram utilizados recursos como: máquinas para registros fotográficos, computador, gravador de voz e MP3.

Quanto aos métodos iniciou-se à pesquisa de campo a partir do segundo semestre 2007, através de conversas informais e entrevista com pai, mãe, filhos de santo e adeptos do candomblé. Observações e registros fotográficos aconteceram nos rituais dentro dos barracões de candomblé, em dias comuns, e na festa para Iemanjá na praia de Camburi em Vitória, no dia 02 de fevereiro de 2008. Na festa para o mesmo orixá na casa *INZO ALAFIM DE IEMANJÁ*, e outras festas nessa e na outra casa visitada chamada *ILÉ ÀSE IGBÁ ALAGUNNON*, maiores informações sobre estas casas encontram-se logo a seguir.

Também foi feito registro fotográfico de um grupo de umbanda que se encontrava na festa para Iemanjá no dia 02 de fevereiro na praia de Camburi.

Os terreiros⁴ (também conhecido como barracão, casa ou roça), citados abaixo, são os locais aonde foram feitas às pesquisas de campo.

1. *INZO ALAFIM DE IEMANJÁ*, fundado em 1989, localiza-se na Rua Villa Lobos, nº 11, em bairro de Fátima, município da Serra, no estado do Espírito Santo (ES), sua fundadora é a Ialorixá Edinéia Silva Cabral, também chamada por Mãe Neia.

2. *ILÉ ÀSE IGBÁ ALAGUNNON*, fundado há 15 anos, localiza-se na Rua Humberto Gobi s/n Enseada de Jacaraípe, Serra, ES, tendo como fundador Babalorixá Robson Cruzzuol, popularmente conhecido como Pai Robson.

O barracão *Inzo Alafim de Iemanjá* é um terreiro de candomblé de nação Angola, segundo a Ialorixá Néia,

[...] a casa é de Angola é a única casa que fala *muxicongo* em Vitória. [...] Angola congo que é chamado de *muxicongo* e que é a raiz do bate-folha [...] se usa muita folha para cura é muito sagrado[...] as folhas são muito sagradas, as folhas tem sangue [...] nós não entramos no mato por entrar, não tiramos folha por tirar [...] tem um ritual sagrado até para tirar folha [...] (CABRAL, Edineia S. Entrevista concedida a Sonia Maia, Vitória, 28 de mar. 2008.)

Esse barracão possui em sua entrada muitas plantas, ao lado direito e esquerdo, ficam os quartos de santo e um corredor em frente à porta de entrada que nos leva ao salão do barracão. Na parede interna de frente existe um grande painel com uma pintura representando Iemanjá, autoria de José Luiz, (2000). Magalhães (2003) comenta que nas paredes internas do barracão encontram-se pinturas que retratam os santos e que pode coincidir com a festa a se realizar.

Outro terreiro visitado é o *Ilé Àse Igbá Alagunnon*, o *Babalorixá* e *Huntó* (fundador) da casa é Robson Cruzzuol, conhecido também como Pai Robson. De acordo com Pai Robson (2008), a origem da casa *Ilé Igbá Farolim* é a casa do sacerdote dele em Salvador, na lagoa do Abaeté, na Ladeira 29 de outubro; toda casa pertence à casa do sacerdote onde a pessoa foi feita. Quando alguém funda uma casa ela é *Huntó*, ou seja, a casa foi designada ao fundador de um chão, como esse fundador foi iniciado lá na casa do sacerdote, então ela é propriedade de lá e o *Huntó* só passa a ser a própria casa quando morre.

Existem poucos autores que escreveram sobre a cultura-afro no Espírito Santo, grande parte das informações conseguidas é de registros fotográficos, pesquisas de campo, e da literatura afro no Brasil. A literatura do Espírito Santo utilizada é a de Cleber Maciel dos títulos “Candomblé e Umbanda” (1992) e “Negros no Espírito Santo” (1993).

4 – Resultados

De acordo com Verger (1981) Iemanjá, nome que deriva de *Yèyé omo ejá* (“Mãe cujos filhos são peixes”), é o orixá dos *Egbá*, uma nação *iorubá* que se encontra na região, onde existe ainda o rio *Yemoja*, na África. No Brasil, [...] também conhecida por Dona Janaína, Princesa, Rainha ou Sereia do Mar. Seus adeptos usam colares de contas de vidro transparentes (Figura 1a) e a indumentária é de preferência azul clara (Figura 1b). As oferendas para esse orixá, são de carneiro, pato e pratos preparados à base de milho branco, azeite, sal e cebola. Na dança, durante o ritual, suas filhas imitam o movimento das ondas, ao flexionar o corpo, Iemanjá segura um abano de metal branco e é saudada com gritos de *Odô Ìyá* (“Mãe do rio”)!

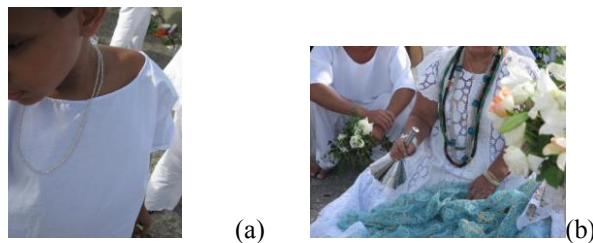


Figura 1. (a) fotografia de colares de contas de vidro transparente, um paramento usado por Iemanjá e seus adeptos. (b) fotografia de indumentária de Iemanjá, que pode ser nas cores azul, branca e verde Fonte: Maia. (2008).

“Iemanjá reina, ela é a dona da cabeça [...]. São várias qualidades e ela está no rio e no mar, tem muito a ver com nossos seios [...]. Iemanjá é mãe, é sofrimento é uma vida linda, mas Iemanjá é como um quartel, o candomblé não é para qualquer um, uma dedicação muito cruel [...]” CABRAL, Edineia S. **Iemanjá**. 2008. Entrevista concedida a Sonia Maia, Vitória, 28 de mar. 2008.

Para o *babalorixá* Robson (2008), Iemanjá no Espírito Santo tem representação, segundo ele, “bem umbandalizada”, é uma mulher, vestida de azul, de cabelo comprido. No modelo africano ela teria a forma de uma sereia ou estaria com os seios de fora, grandes e um maior que o outro, a cabeça e barriga também grandes, coberta e careca, porque em geral os orixás são carecas, se desvencilham do seu pudor, do orgulho, da vaidade para um ritual de iniciação ou de renascimento.

As filhas de Iemanjá são voluntariosas, fortes, rigorosas, protetoras, altivas e, algumas vezes impetuosas e arrogantes; têm o sentido da hierarquia, fazem-se respeitar e são justas, mas formais; põem à prova as amigadas que lhes são devotadas, custam muito a perdoar uma ofensa e, se a perdoam, não a esquecem jamais. Preocupam-se com os outros são materiais e sérias. [...] gostam do luxo, das fazendas azuis e vistosas, das jóias caras [...] (VERGER 1981 p.194).

Pai Robson (2008), descreve as mulheres de Iemanjá como possessivas, ciumentas, passionais, fofoqueiras, faladeiras e controladoras. Possuem físico bem grande, seios grandes, com uma diferença desproporcional um do outro. As de pouco seios são mais altivas, aguerridas, tem o arquétipo de *Ogunté*, que são Iemanjás mais jovens mais guerreiras, estas características ajudam a fazer a determinação do tipo do santo. Segundo este babalorixá, o arquétipo de todos os outros santos, o de personalidade, o do físico e o jogo de búzios são o que estabelece as diferenças de cor de miçanga de indumentária que o santo carrega.

De acordo com Pai Robson (2008), o dia do zelo ou cuidados com Iemanjá é o sábado, mas pouca gente segue isso, devido a outros compromissos da vida cotidiana. Desse modo, na casa dele, o cuidado com as coisas de Iemanjá e de outros orixás é feito de acordo com a disponibilidade dos membros da casa. Os indivíduos envolvidos com o candomblé são pessoas que possuem atividades normais como qualquer outro cidadão presente na sociedade, com seus deveres e direitos. *Babalorixás* ou *Ialorixás*, e os adeptos da religião possuem obrigações sérias e difíceis com os trabalhos realizados no local em que se verificam as cerimônias públicas.



(a)



(b)

Figura 2. (a) Fotografia do início de uma festa de candomblé e (b) Fotografia da dança em torno da comida sagrada. Fonte: Rosa. (2008).

Uma festa de candomblé geralmente começa com o sacrifício de animais ao som de cânticos e em meio a danças sagradas. O sangue dos animais rega as pedras dos orixás, em cerimônia secreta, no *Peji* (que é o santuário), quarto onde guarda os símbolos e oferendas aos orixás. Depois disso, todas as pessoas envolvidas, são arrumadas em círculo no barracão (Figura 2a). No chão haverá uma garrafa de azeite de dendê, um prato com farofa, um copo de água ou cachaça. Faz-se o despacho para Exu, a cerimônia tem sentido de lhe pedir licença para realizar a festa. Os atabaques⁵ começam a tocar enquanto as filhas cantam para Exu. Dançando em torno da comida sagrada (Figura 2b) tira ora um pouco de azeite, e farofa, e depois um pouco de água, e vai jogá-los fora à entrada da casa, para que o homem da rua possa recebê-los. Esta cerimônia é indispensável. Depois as filhas cantam para todos os orixás, sob a direção da mãe, que se senta perto da orquestra e sacode o *adjá* um pequeno sino de metal com duas ou mais bocas, de som agudo, tocadas pelo pai ou mãe de santo nos rituais. Para cada orixá cantam-se três cantigas. Há músicas e danças especiais para cada um. Depois de esgotada a lista de orixás, a festa cumpre sua missão, que se resume no culto dos deuses, e é finalizada a cerimônia (CARNEIRO, 2002). Para Pai Robson (2008), quando a divindade se manifesta nas festas de candomblé, ela é determinada pelo ritmo e o som que sai dos atabaques.

As festas de candomblé, na grande Vitória, geralmente começam no meio da tarde e terminam no fim da noite, em alguns casos, entram na madrugada, e tem festas que duram dias contínuos. Para Beniste (2005, p.48) as sedes de candomblé, se encontram quase sempre em lugares afastados do centro urbano e o planejamento de um terreiro tem suas normas fixadas inicialmente nos assentamentos⁶ de determinados orixás. Busca o contato íntimo com a natureza e o silêncio necessário em determinadas obrigações, e pela conveniência de não incomodar pessoas fora do culto com os toques

⁵ São três tambores de tamanho pequeno, médio e grande, que marcam o ritmo e a cadência dos cânticos. O maior se chama RUM, o médio RUMPI e o pequeno LÉ (DICIONÁRIO YORUBÁ – PORTUGUÊS, acesso em 16 jul. 2008).

⁶ ASSENTAMENTO – Objetos ou elementos da natureza (pedra, árvore, etc.) cuja substância e configuração abrigam a força dinâmica de uma divindade. Consagrados, são depositados em recintos apropriados de uma casa-de-santo [...] <http://www.guiadegurusevidentes.com.br/dicionario.htm> Dicionário Yorubá (Nagô) - acesso 23 jul. 2008.

dos atabaques. Quanto à estrutura espacial de um candomblé, a sede deverá ser própria, espaçosa, afastada da zona urbana, um espaço de terra e plantas.



Figura 3. (a) Fotografia da entrada do barracão do Pai Robson e (b) Fotografia da entrada do barracão da Mãe Neia. Fonte: Rosa e Maia. (2008)

Os barracões que visitamos, (Figura 3) possuem ambientes bem arejados, iluminados, com cores claras nas paredes, bancos encostados ao redor do perímetro da sala. A parede de frente à porta de entrada abriga flores, imagens, instrumentos musicais, cadeiras e pinturas. A parte externa possui muita planta e quartos de santo. A casa da Mãe Neia fica situada em espaço urbano e apesar de ter quintal com muitas plantas, o espaço é pequeno. A do Pai Robson fica mais afastada da cidade, os espaços internos e externos são grandes, com muitas plantas.

Os quartos de santo de um barracão possuem um só compartimento, são destinados ao culto de cada orixá. Dentro deles estão os símbolos das divindades, pedras, conchas, contas coloridas, e elementos usados para iniciação das pessoas do candomblé. Encontram-se também quartinhas (imagem) com água e comidas, posicionada na entrada do barracão para despachar a rua quando as pessoas forem chegando; os barracões realizam festas públicas e algumas reservadas. São encontrados lá objetos como os atabaques para os toques, cadeiras, sendo a do *Babalorixá* ou *Ialorixá*, a mais destacada. Como elemento de segurança e sucesso do candomblé e de todos que fazem parte da comunidade, usa-se dar comida ao chão e a cumeeira (imagem) No centro do barracão é “plantando” o Àse da Casa⁷. (BENISTE, 2005).

⁷ No centro é aberto um buraco e nele coladas oferendas, comidas secas, elementos dos animais sacrificados, e depois é lacrado em definitivo [...].BENISTE, J. *AS ÁGUAS DE OXALÁ*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, 52.

Sobre o sincretismo de Iemanjá com santos da religião católica, a *Ialorixá* e o *Babalorixá* dos terreiros visitados, afirmaram que não existe no candomblé sincretismo religioso; o sincretismo está vinculado, especialmente, à umbanda.

“Na realidade em alguns sincretismos há uma mudança conceitual, ontológica, do orixá por influência do santo [...]. Por exemplo, no sincretismo de Iemanjá com a Santíssima Virgem, o conceito de Iemanjá permanece fiel ao seu conceito africano, que é a de entidade da água, e que aqui no Brasil passou a ser a entidade ou o orixá do mar. No entanto, Iemanjá não captou nenhum elemento da vida ou da personalidade da Santíssima Virgem. Então, essa aproximação devido ao processo do sincretismo, a defesa que os negros tinham da sua religião face ao Catolicismo oficial na época da colonização fez com que eles aproximassem Iemanjá de Nossa Senhora para defender o seu culto. Na realidade, os umbandistas cultuam Iemanjá, mas pelo processo sincrético eles estão celebrando na data em que a igreja comemora uma das festas de Nossa Senhora e isso varia de região para região [...]. Agora, cada um cultua a sua maneira. O catolicismo celebra Nossa Senhora sem ter nenhum elemento vinculado com Iemanjá, da mesma forma que a umbanda e o candomblé cultuam Iemanjá sem nenhum relacionamento com a figura de Nossa Senhora. Há apenas a coincidência da data, mas o culto é distinto. COSTA, Valdeli Carvalho da. **Sincretismo Religioso**. Entrevista concedida ao Amaivos - acesso 23 jul. 2008.

No dia 2 de fevereiro de 2008, como todos os anos, Iemanjá, orixá feminino do candomblé, foi homenageada por adeptos do candomblé e umbanda na praia de Camburi em Vitória. Devotos e curiosos foram à praia entoar cânticos, em vários dialetos, danças e levar presentes como forma de agradecimento a Iemanjá.



Figura 4. (a) Fotografia *Xirê*-casa Mãe Neia e (b) Fotografia *Xirê*.casa Pai Robson. Fonte: Maia e Rosa. (2008)

Segundo Mãe Neia, “[...] tudo que agente fala é uma prece, aquela fala é uma reza, cada divindade recebe sua reza, a gente faz um *xirê*⁸ (Figura 4) As danças simbolizam cada divindade, cada divindade tem um modo de ser [...]” CABRAL, Edineia s. ***Xirê para Iemanjá*** . 2008. Entrevista concedida a Sonia Maia, Vitória, 28 de mar. 2008.

No Brasil Iemanjá é sincretizada com nossa Senhora da Imaculada Conceição, festejada no dia 8 de dezembro [...], na Bahia, do sincretismo que leva Oxum a nossa Senhora das Candeias, festejada no dia 2 de fevereiro, pois é nesta data que se organiza um solene presente para Iemanjá. Isso mostra que o sincretismo entre os deuses africanos e os santos da Igreja católica não é de uma rigidez e de um rigor absoluto (VERGER 1981, p. 192).



Figura 5. (a) Fotografia chegada do grupo do barracão da Mãe Neia na festa para Iemanjá e (b) Fotografia Balaio com flores para Iemanjá. Fonte: Maia. (2008)

A abertura oficial da festividade (Figura 5) aconteceu por volta das 16 horas, do dia 02 de fevereiro, num sábado de carnaval, junto à escultura em homenagem a

⁸XIRÊ – Vem do verbo brincar, podendo assim, significar divertir, jogar. Ou ainda o Xirê cantado para os Orixás = cântico. **DICIONÁRIO YORUBÁ – PORTUGUÊS** acesso 16 jul. 2008.

Iemanjá. A escultura encontrada na praia de Camburi é uma obra de arte em concreto armado, do artista grego Iannis Zavoudakis, colocada no píer da praia, no ano 1988. Representa a figura de uma mulher com cabelos longos e pretos, braços abertos e veste azul clara, sobre a cabeça uma coroa com uma estrela do mar (GUIA HISTÓRICO CULTURAL DE VITÓRIA, acesso em 16 jul. 2008).⁹ A escultura foi restaurada há pouco tempo e sua cor de pele foi trocada de branca para negra (Figura 6).



Figura 6. Fotografias da Escultura de Iemanjá, no píer da praia de Camburi. Fonte: Maia. (2008).

As oferendas para Iemanjá foram depositadas na praia ou colocadas em barcos para ser entregues à deusa do mar.

De acordo com a Ialorixá Neia, em dezembro não tem nada. O dia de Iemanjá é 2 de fevereiro. As entidades recebem todas as oferendas que são colocadas no mar para que no ano nunca falte agradecimento de todo o ano e todo o dia e nós devolvemos também alguma coisa pro mar é para os peixes. No candomblé não precisamos de riqueza realmente não falta pra gente nada, precisamos sobreviver, sê vê que não tem pai de santo rico né! Cobrimos com flores e perfumes tudo. A gente só agradece [...]. Fazemos uma caçapa de ebó, fazemos um inhame, é um balaio cheio de comida [...], desde que comecei minha vida espiritual nunca deixei de botar meu balaio. [...] tem gente que leva champagne, ovos cozidos é coisa de ebó, as pessoas levam coisas que não tem nada a ver, um fogaréu de tanta vela que parece que Iemanjá estava no inferno [...] CABRAL, Edineia S.

⁹ Segundo um adepto do candomblé, cujas iniciais do nome são R.M.2008. **Escultura de Iemanjá**. Entrevista concedida a Sonia Maia, Vitória, 2 fev. 2008.

Festa e presentes para Iemanjá . 2008. Entrevista concedida a
Sonia Maia, Vitória, 28 mar. 2008.

As pessoas chegavam ao píer em Camburi e em silêncio faziam suas preces, algumas se viravam para o mar outras para a escultura de Iemanjá. Alguns fiéis chegavam ao local levando presentes e bilhetes à Iemanjá, e os deixavam aos pés da estátua ou jogavam no mar.



Figura 7. (a) Fotografia Presentes para Iemanjá e (b) Fotografia Balaio com flores, oferecido pelo candomblé. Fonte: Maia. (2008).

Os presentes oferecidos (Figura 7) foram pentes, sabonetes, perfumes, espelhos, laços de fita, pó-de-arroz, flores; e adornos condizentes com sua fama de mulher bela e irresistível. Segundo Pai Robson (2008), presente para Iemanjá é tudo que é ligado à vaidade. Pode-se oferecer também, peixe assado, pão de mel, pasta de milho branco, xuxu, carambola, maçã verde, tomate verde e cebola. Para o sacrifício, o pato é o bicho preferido, ela come também carneiro.

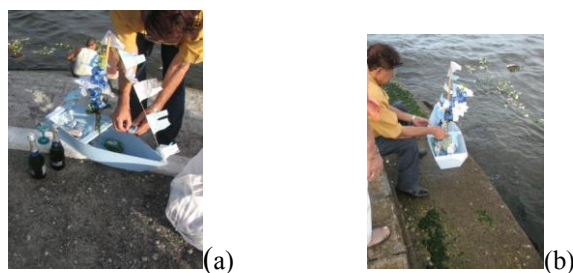


Figura 8. (a) Fotografia presentes para Iemanjá dentro do barquinho e (b) Fotografia Barco oferecido a Iemanjá. Fonte: Maia. (2008)

Um cidadão disse que oferece há dez anos um barquinho à Iemanjá. Ele e a esposa levam o barco e soltam nas ondas do mar. Registramos por fotografia a montagem dos presentes dentro do barco (Figura8). Quando o presente está pronto, o casal bebe uma taça de *champagne* e nesse momento fazem suas orações para Iemanjá e

o entregam com muito cuidado para o mar, de modo que o barquinho se mantenha sobre as águas o maior tempo possível. O entrevistado diz que durante muitos anos em sua vida, tem seus pedidos atendidos e nunca se esquece de agradecê-los a Iemanjá, e pretende fazer o barco todos os anos, sempre que for possível Entrevista concedida a Sonia Maia, Vitória, ES, 2008.



Figura 9. (a) Fotografia Frutas do grupo de Umbanda na festa de Iemanjá, (b) Fotografia Balaio, presente de umbanda, (c) Fotografia das esculturas de Iemanjá, festa de umbanda e (d) Fotografia de adeptos de umbanda. Fonte: Maia. (2008).

Enquanto a casa da Mãe Neia realizava o seu ritual na praia, perto da escultura de Iemanjá, os adeptos de umbanda festejavam Iemanjá, do outro lado da praia, na areia, havia uma mesa muita farta em frutas e muitas flores (Figura 9) para Iemanjá. Colocaram sobre a areia, pequenas imagens de Iemanjá e um balaio de flores para a Rainha do Mar. Homens e Mulheres vestidos de roupas brancas e fios de contas coloridos (Figura 9), dançavam, deitavam e sentavam sobre a areia, também fumavam, bebiam e depois em conjunto com todos que ali estavam comeram e distribuíram frutas. Muitas pessoas participavam do ritual e outros apenas assistiam.

Os principais artigos de Umbanda consumidos em Vitória, [...] foram: barquinhos, imagens de Iemanjá, velas coloridas, fitas, *champagne*, talcos, perfumes, sabonetes, taças, banhos de descarrego, fogos de artifício, velas encantadas, velas de Iemanjá e guias de contas [...]. Segundo a tradição, o que conta é a fé. Para os umbandistas, o mais importante é ver o mar levando para longe os presentes para Iemanjá. Diz a lenda que, quando os barcos flutuam sobre as ondas e seguem para alto mar, é sinal de que o próximo ano será de fartura. Quando afundam próximo à praia, é sinal de tempos de vacas magras (MACIEL, 1992, p 189).

De acordo com Maciel (1992), para a maioria dos umbandistas, o dia de Iemanjá é o primeiro de janeiro. E os fiéis de candomblé, comemoram Iemanjá em 02 de fevereiro, mas é livre a participação de praticante de ambas as religiões nas festas de Iemanjá realizadas nas duas datas.

Após o ritual de danças e cânticos, uma cesta com flores e outros presentes foram entregues à Iemanjá, colocada sobre as ondas do mar. Logo após a entrega dos presentes, todos se retiraram e a festa continuou a noite no Barracão da mãe Neia.



Figura 10. (a) Fotografia da festa para Iemanjá no barracão da Mãe Neia. Fonte: Maia. (2008)

O grupo da casa da Mãe Neia, foi para o barracão e a partir das 20 horas iniciou o *Xirê*. A casa estava cheia (Figura 10) e a homenagem muito bonita e farta, na decoração, indumentária dos santos e na comida, que é sempre em grande quantidade e pratos bem decorados, característica forte presente nas festas das religiões afro, principalmente no candomblé no que diz respeito à indumentária. O ritual oferecido pelo barracão da Mãe Neia teve início com saudações a esse orixá *Odó iyá*, com músicas e danças. Seus iniciados imitam o movimento das ondas executando curiosos gestos, como se estivessem acompanhando as ondas do mar.



(a)



(b)

Figura 11. (a) Fotografia *Abebé*-leque de metal prateado, constando desenho de estrela do mar e espelho. e (b) Fotografia *Adé*-coroa com miçangas que cobrem o rosto de Iemanjá. Fonte: Guimarães. (2008).

Geralmente Iemanjá é simbolizada pela pérola, a pérola que dá na ostra, pelo coral do mar, pelos cristais, pelas conchas, por todos esses elementos que compõem a coisa marinha [...] vai dentro do assentamento conchinhas, cristais, pulseiras de prata ou de chumbo [...] o *abebé* (Figura 11) é o leque o *adé* a coroa e os paramentos são aquilo que o santo trás na mão que são pertinentes aquelas qualidades [...] CRUZZUOL, Robson. **Simbolismo**. 2008. Entrevista concedida a Sonia Maia, Vitória, 7 jun. 2008.



Figura 12. (a) Fotografia da Ialorixá Neia, veste indumentária de Iemanjá. Fonte: Maia. (2008).

Mãe Neia (Figura 12) que incorpora Iemanjá veste roupas brancas e bordadas, guias coloridas, em especial a guia de Iemanjá, com cristal translúcido e contas azuis, pulseiras prateadas e douradas, sobre a roupa existe o pano-da-costa, bordado transparente na cor verde água e azul, “também conhecido como *alaká*, *pano-de-alaká*, *pano-de-cuia*, o *pano-da-costa* é de origem africana e compõe a indumentária da roupa baiana [...] ligado ao âmbito das religiões afro-brasileiras e obedece às cores simbólicas dos orixás [...]” **Catálogo Roupas de baiana, Bahia** – Programa Artesanato Solidário et al., (s/d, p.2).

De acordo com Pai Robson (2008), “Alguns santos usam dois panos da costa, outros só um, é importância de realeza”.

Iemanjá segura um leque de metal prateado, o *abebé*, constando desenho de estrela do mar. Veste roupa branca e azul com bordados e rendas, fios de conta (colar) de Iemanjá com cristal translúcido e contas azuis, usa um *adé* (coroa cujas franjas de contas lhe escondem o rosto) e braceletes.

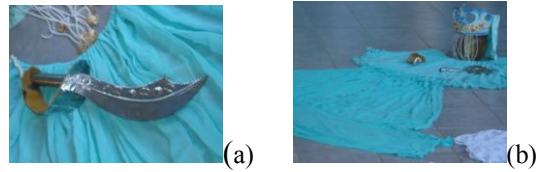


Figura 13. (a) Fotografia Alfange-paramento de Iemanjá e (b) Fotografia Indumentária de Iemanjá. Fonte: Guimarães. (2008).

Para o babalorixá Robson (2008), tem uma Iemanjá que traz um *abebé* com espelho, ela o fez assim para refleti-lo nos olhos do inimigo e cega-los caso se encontrasse sozinha ou perseguida, outra Iemanjá usa um *alfanje* (espada) (Figura 15), essa vem de uma origem guerreira. Na Indumentária, de acordo com a idade vão se acrescentando tons de cores, quanto mais velha mais clara.

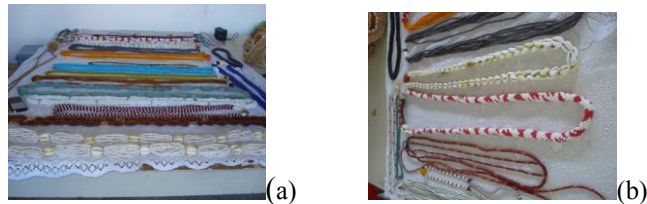


Figura 14. (a) Fotografia dos fios de conta dos orixás, paramentos pertencentes a casa do Pai Robson e (b) Fotografia dos fios de conta, tem o simbolismo de uma jóia. Fonte: Guimarães. (2008).

“Os fios de conta (Figura 14) servem para identificar o grau, o tempo do iniciado e o santo da pessoa, a jóia da pessoa, o *status*, tem o simbolismo de uma jóia [...]. Iemanjá vem vestida de *adé* [...], porque já era hábito africano [...] as deusas cobriam seus rostos para que os viventes em geral não a vissem” CRUZZUOL, Robson. **Contas e Instrumentos de Iemanjá**. 2008. Entrevista concedida a Sonia Maia, Vitória, 7 de jun. 2008.





Figura 15 Indumentária e paramentos de Iemanjá: (a) pano da costa em renda, e fios de conta (b). *camizu* em *rechilieu*, (c) *ojá* (pano de cabeça), (d) fios de conta transparente sobre blusa bordada, (e) calça em tecido bordado, usada por baixo da saia de baiana, (f) bata em tecido fino, (g) saias, geralmente com cinco metros de roda, em tecidos diversos, (h) Iemanjá segura o *adjá*, pequeno sino de metal usado pelo pai ou mãe de santo nos rituais, segura também um pano da costa na cor verde transparente, bordado, e usa pulseiras de metal. Fonte: Maia. (2008)

De acordo com o Catálogo do Programa Artesanato Solidário (s/d), as roupas do candomblé (Figura 15) também conhecidas como roupa de baiana, tem influência africana, árabe e européia, nos candomblés o traje ganha sentido cerimonial e sua confecção costuma seguir aspectos tradicionais, de acordo com a origem (nação) dos terreiros. São anáguas, com rendas de entremeios e de ponta; saias, geralmente com cinco metros de roda, em tecidos diversos e com barra enfeitada por fitas, rendas e outros detalhes; *camizu*, (blusa feminina) em tecido branco, com bordado em *rechilieu*, normalmente rebordado na altura do busto; bata em tecido mais fino; calça, pano-da-costa; *ojá* (pano de cabeça), de diferentes formatos, texturas e modos de usar; e joalheria que compreende anéis, brincos, pulseiras de búzios, de contas, corais, marfim, prata, ouro, cobre, latão, ferro e fios-de-contas (colares), com as cores simbólicas dos orixás.

5 – Discussão e Conclusões

A história de Iemanjá, divindade feminina da cultura afro-brasileira, fala da força da mulher revelada sob a forma de generosidade, valentia, inteligência, persistência e firmeza. Embora existam muitos relatos sobre cada orixá, escolheu-se Iemanjá para objeto deste estudo.

Nas entrevistas feitas com pai, mãe e filhos de santo encontram-se informações que corroboram com registros de muitos autores da literatura afro-brasileira. Encontraram-se, também, informações contraditórias, que sugerem a necessidade de continuação de pesquisas, para se conhecer ou descobrir fatos que consigam explicar melhor algumas divergências de informações, como por exemplo: no que se refere ao

sincretismo dos orixás com os santos católicos de acordo com conhecimento popular, citações de adeptos e bibliografia pesquisada.

Na busca de conhecer as representações simbólicas e visuais de Iemanjá, sentiu-se a necessidade de compreender um pouco dos rituais do candomblé, que através da música, objetos sagrados, instrumentos, danças, saudações, indumentária, paramentos, sacrifício e outros elementos presentes no culto, o orixá é percebido e caracterizado ao se manifestar.

Desse modo, observou-se que a partir deste, novos estudos poderão ser feitos com maior atenção aos detalhes dessa religião, que se incorporou à cultura brasileira através dos africanos e conserva a língua estrangeira, falando em dialetos. Exige dedicação especial de quem procura conhecer a religião, no sentido de obter a tradução da língua e o conhecimento do significado dos símbolos utilizados. Segundo a *Ialorixá* Neia “[...] falamos o dialeto para dificultar as pessoas terem acesso”. CABRAL, Edineia S. 2008. **Língua usada no candomblé**. Entrevista concedida a Sonia Maia, Vitória, 28 de mar. 2008.

No entanto, esta pesquisa encerra por aqui as suas atividades, pois alcançou seus objetivos ao conhecer as informações desejadas sobre as funções dos objetos ritualísticos ligados à Iemanjá, e itens que a caracterizam, como: seu dia, indumentária; paramento, cor, conta, simbolismo, sacrifício; objetos sagrados, instrumentos e sincretismo, o que permitiu identificar e analisar representações visuais e simbólicas de Iemanjá nas tradições religiosas e artísticas, assim como suas origens e influências culturais e o modo como elas se manifestam. Além de compreender as origens e funções religiosas dos objetos ritualísticos ligados à Iemanjá nos cultos afro-brasileiros na região da Grande Vitória; e pesquisar as representações e as imagens de Iemanjá no imaginário popular.

6 – Referências Bibliográficas

BENISTE, J. **AS ÁGUAS DE OXALÁ**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CARNEIRO, E. **CANDOMBLÉS DA BAHIA**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

KURI, G. A. **Minidicionário Gama Kury da língua portuguesa**. São Paulo: FTD, 2002.

MACIEL, Cleber da Silva. **CANDOMBLÉ E UMBANDA NO ESPÍRITO SANTO: PRÁTICAS CULTURAIS RELIGIOSAS AFRO-CAPIXABAS**. Vitória. Departamento Estadual de Cultura. 1992.

SANTOS, C. O. **De Bem com a Natureza**. Vitória: Multiplicidade, 2002.

VERGER, P. F. **Orixás**. São Paulo: Corrupio, 1981.

Catálogo Pano-da-costa, Bahia – Programa Artesanato Solidário et al., (? , p.2). Rua Alves Guimarães, 436 – Pinheiros – São Paulo-SP.

Catálogo Roupa de baiana, Bahia – Programa Artesanato Solidário et al., (? , p.2). Rua Alves Guimarães, 436 – Pinheiros – São Paulo-SP.

Disponível em: <http://www.iiia.com.br/guias/monumentos.asp> acesso 27 de maio de 2008
- Guia Histórico-Cultural de Vitória - **Monumento a Iemanjá**

Disponível em: <http://www.cabocloarruda.hpg.com.br/teca/dicionario.htm> -
DICIONÁRIO YORUBÁ – PORTUGUÊS acesso 16 de julho 2008.

Disponível em: <http://fraternidade.tabajara.sites.uol.com.br/> - **Fraternidade Tabajara** -
acesso 21 de julho 2008.

Disponível em: http://amaivos.uol.com.br/templates/amaivos/amaivos07/noticia/noticia.asp?cod_noticia=478&cod_canal=41 acesso 23 de julho de 2008.

Disponível em: <http://www.guiadegurusevidentes.com.br/dicionario.htm> **Dicionário**
Yorubá (Nagô)-acesso 23 de julho de 2008.